

RAÍZES QUE LUTAM, CORPOS QUE BRILHAM: o despertar da mulher quilombola

Maria Geane de Lima Ferreira¹

Gislaine Gonçalves da Silva²

Ana Lúcia Oliveira Aguiar³

Resumo

As comunidades quilombolas representam espaços de resistência histórica, cultural e identitária, onde práticas de solidariedade, ancestralidade e luta por direitos territoriais sustentam a permanência de seus modos de vida. Dentro desses contextos, as mulheres quilombolas exercem papel central na preservação das tradições, na articulação política e na construção de estratégias de sobrevivência, apesar de enfrentarem opressões interseccionais de gênero, raça e classe.

Este estudo, desenvolvido no âmbito da disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica” do Mestrado em Educação da UERN, tem como objetivo compreender, por meio de narrativas (auto)biográficas, compreender como a trajetória de luta e participação dessas mulheres contribui para a resistência e fortalecimento de suas comunidades. A pergunta que norteia esta investigação é: Quais são os principais desafios e ações adotados pelas mulheres quilombolas para o fortalecimento de sua autonomia e liderança em suas comunidades?

A pesquisa justifica-se pela necessidade de reconhecer o protagonismo feminino quilombola como elemento central na construção de estratégias de preservação cultural e de transformação social. Ao evidenciar as vozes dessas mulheres, o estudo busca também tensionar as estruturas patriarcais e racistas que historicamente invisibilizaram suas contribuições no campo acadêmico e social.

A metodologia adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na escuta ativa de narrativas orais, rodas de conversa e observação participante, conforme defendido por Minayo (2009), para quem o foco da pesquisa qualitativa está na compreensão dos sentidos atribuídos pelas pessoas às suas experiências. Como método, recorre-se à abordagem (auto)biográfica proposta por Josso (2007), que valoriza a experiência como formadora da identidade e permite refletir sobre as aprendizagens ao longo da vida.

O referencial teórico ancora-se nos conceitos de experiência em Larrosa (2002), de memória coletiva e social em Halbwachs (1990), Pollak (1989) e Bosi (1994), além das contribuições de Josso (2007; 2010) sobre a narrativa como ferramenta formadora. As rodas de conversa, realizadas com mulheres quilombolas de dois quilombos localizados nos estados do Rio Grande do Norte e Ceará, marcadas em nossas memórias pela passagem por esses quilombos onde nos referimos a nomes fictícios pra manter o anonimato, sigilo e respeito, aos quilombos denominamos de Quilombo da Areia e Quilombo da Mata, e as participantes das narrativas escolhemos pseudônimos com nomes africanos Zuri, Imani, Lulama, Zola, Abimbola, Abayomi, Chimamanda, Kieza, Lueji, propiciaram o entrelaçamento de memórias

¹Docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestranda em Educação (POSEDUC/UERN). E-mail: mariageane@uern.br

²Mestranda em Educação (POSEDUC/UERN). E-mail: gislaine20251000468@alu.uern.br

³Docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Phd em Educação. E-mail: anaaguiar@uern.br

individuais e coletivas, fortalecendo os laços comunitários e permitindo o “empréstimo da memória” (Pollak, 1989), que amplia os sentidos da experiência partilhada.

A análise das narrativas revela que essas trajetórias são marcadas por práticas de cuidado, fé, solidariedade, educação comunitária e defesa do território, elementos que expressam formas potentes de resistência coletiva. Segundo Maurice Halbwachs (1990), a memória não é um fenômeno puramente individual, mas se forma e se sustenta nos quadros sociais da memória, isto é, nos grupos e contextos coletivos que dão sentido às lembranças e às experiências.

Os resultados indicam que as mulheres quilombolas evidenciam que a memória não é apenas um registro do passado, mas um instrumento político e afetivo que orienta as ações do presente. Seja nos gestos cotidianos, nas danças, nos saberes partilhados ou na organização social, essas mulheres constroem e preservam modos de vida que desafiam o silenciamento histórico e reafirmam a identidade quilombola.

Conclui-se que partir de suas memórias, práticas e discursos, é possível perceber a potência da experiência feminina como força mobilizadora e transformadora.

Dessa forma, compreende-se que a luta e a participação dessas mulheres contribuem ativamente para o fortalecimento das comunidades, sustentando vínculos intergeracionais e reafirmando o protagonismo feminino como fundamento da resistência cultural, política e territorial.

Palavras-chave: Mulheres quilombolas. Narrativas (auto)biográficas. Saberes da experiência.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em:
<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf>. Acesso em 16 Abr. 2025.